

Simonsen faz sugestões de política econômica para presidenciáveis

por Claudia Izique
do Rio

Roberto Freire (PCB), Aureliano Chaves (PFL) e Guilherme Afif Domingos (PL), candidatos à Presidência da República, encontraram-se ontem, no Rio de Janeiro, no IV Seminário Nacional de Open Market, para debater a sucessão e seus reflexos na política econômica. Antes de apresentarem suas propostas de governo, os três presidenciáveis ouviram a avaliação e sugestão do ex-ministro Mário Henrique Simonsen para as dificuldades econômicas do País.

Otimista, Simonsen descartou a possibilidade de o colapso argentino espelhar o futuro do Brasil: "O efeito Orloff — 'eu sou você amanhã' — é desprezível", disse o ex-ministro. Na Argentina, a economia estaria machucada há 25 anos e o setor privado, segundo o ex-ministro, não responde mais aos estímulos de política econômica do governo. No entanto, ele ressaltou que a economia brasileira tem problemas graves.

"As taxas de inflação resistem às terapias heterodoxas", considerou. As tentativas de controle inflacionário, de acordo com Simonsen, não foram acompanhadas de credibilidade e, com o colapso do congelamento de preços, a inflação faz revanche.

IPC — Os membros do conselho deliberativo do Instituto de Previdência dos Congressistas (IPC) decidiram ontem não mais ouvir o ex-presidente do órgão, deputado Gustavo de Faria (PMDB-RJ), por considerarem já existir provas suficientes que comprovam atentado ao decoro parlamentar. Todos os depoimentos colhidos até o momento demonstram que Faria desrespeitou o estatuto do IPC ao realizar operações financeiras sem autorização prévia do conselho deliberativo e provocou uma dilapidação em seu patrimônio. Com essa decisão será acelerado o processo de cassação do parlamentar.

(AG)

"Não adianta esperar milagres", disse. Até o novo governo a solução seria manter a inflação sob controle e colocar a economia numa rota de crescimento. A alternativa, segundo Simonsen, estaria no corte do déficit fiscal e na renegociação da dívida externa.

DEFICIT DO GOVERNO

A dívida externa, para o ex-ministro, não deverá ser um fator de inibição grave para o desenvolvimento, já que o País tem superávit e existe disponibilidade dos credores para a negociação. O grande problema, na visão de Simonsen, seria o financiamento do déficit do governo até o final do ano. "A dívida mobiliária interna do Brasil, de 20% do Produto Interno Bruto (PIB), é menor que a dos EUA, Itália ou Israel." "O problema é achar que isso é um problema e então a profecia se autocumprir, aí se cria uma pressão inflacionária aguda", disse o ex-ministro.

Ele propõe, como solução de passagem, que todos os candidatos se comprometam a honrar a dívida interna do atual governo e que leis complementares concedam aos títulos públicos poder de pagamento de impostos. "Isso facilitaria a transição." Simonsen sugeriu aos candidatos no primeiro ano de governo uma política de austeridade para saneamento da economia, "para então colher frutos." "Façam todo o mal de uma só vez". Dos presidenciáveis presentes, o candidato do PCB foi o único a manifestar-se a favor da sugestão do ex-ministro, ressaltando que deixará de honrar o compromisso, "se vir girar a ciranda financeira".

Todos os candidatos foram convidados a participar do IV Seminário Nacional de Open Market, promovido pela Associação dos Bancos do Rio de Janeiro (Aberj) e pela Associação Nacional das Empresas de Mercado Aberto (Andima).